

Elizabeth Hoyt

CORAÇÃO SELVAGEM

Tradução  
Miguel Romeira

*Quinta Essência\**



# Capítulo 1



*A espada de Longsword era, de facto, extraordinária;  
para além de pesada, afiada e mortal,  
apenas podia ser manejada pelo próprio Longsword...*

– em LONGSWORD

LONDRES, INGLATERRA

OUTUBRO 1765

Poucas ocasiões sociais são tão enfadonhas como um lanche-comício. É frequente a anfitriã de semelhante ocasião social estar loucamente desejosa de que alguma coisa – *seja o que for* – aconteça na festa, para a tornar mais animada.

Mas talvez um moribundo a avançar aos tropeções para a mesa tenha sido um *nadinha* de animação a mais, pensaria Beatrice Corning mais tarde.

Até ao momento do «moribundo aos tropeções», as coisas decorriam como é habitual em qualquer lanche-comício. Ou seja, aquilo estava a ser uma chatice insuportável. Beatrice escolhera a Sala Azul, que, em consonância com o nome, era azul – um azul discreto, repousante e *monótono*. Alinhadas ao longo das paredes, pilastras brancas erguiam-se até ao teto, onde as coroavam pequenos e discretos arabescos. Havia mesas e cadeiras dispersas pela sala de estar e ao centro fora colocada uma mesa oval,

adornada por uma jarra com margaridas do outono já do fim da estação. Para o lanche havia finas fatias de pão com manteiga e uns bolinhos de um tom rosa pálido. Beatrice argumentara que deveriam servir também tarteletes de framboesa, por achar que, ao menos, trariam alguma *cor* à mesa, mas a ideia não agradara ao tio Reggie – conde Blanchard para os demais.

Beatrice suspirou. O tio Reggie era um velhote amoroso, mas forreta até mais não. Por isso mesmo, o vinho fora diluído em água, ficando de um anémico tom rosado, e o chá era tão fraco que se conseguia distinguir o minúsculo pagode azul pintado no fundo de cada chávena. Olhando para o outro lado da sala de estar, Beatrice localizou o tio; de mãos nas ancas e com as pernas rechonchudas e cambadas agora retesadas, pusera-se em acesa discussão com Lorde Hasselthorpe. Ao menos não estava a comer os bolos e ela tivera o cuidado de se assegurar de que não lhe enchiam o copo de vinho mais do que uma vez. A ira do tio Reggie era tal que até já tinha a peruca de esguelha. Beatrice sentiu um sorriso ternurento a assomar-lhe aos lábios. Oh, Deus... Fez sinal a um criado, entregou-lhe o seu prato e começou a abrir caminho lentamente pela sala de estar, para ir compor o tio.

Já muito perto do seu objetivo, foi detida por um toque ligeiro no ombro e por um sussurrar conspirador:

– Não olhes agora, mas Sua Graça pôs-se a fazer a sua famosa imitação de um bacalhau furioso.

Beatrice voltou-se e deparou com uns cintilantes olhos castanho-xerez. Lottie Graham pouco passava do metro e meio de altura, era gorducha e tinha o cabelo escuro e a inocência do seu rosto redondo e sardento estava em absoluta contradição com a acutilância da sua malícia.

– Não acredito... – murmurou Beatrice; voltou-se como se nada fosse e então estremeceu. Como de costume, Lottie tinha toda a razão: o duque de Lister parecia, de facto, um peixe furioso. – E, aliás, que motivos tem um bacalhau para se zangar?

– Exatamente – replicou Lottie como se acabasse de demonstrar o que pretendia. – Não gosto daquele homem, nunca gostei, e nem tem nada a ver com as suas ideias políticas.

– Chiu! – sussurrou Beatrice. Estavam sozinhas, mas havia vários grupinhos de cavalheiros à sua volta e qualquer um poderia ouvi-las se quisesse. Uma vez que cada um dos homens ali na sala de estar era um conservador empedernido, o apropriado era que as senhoras escondessem as suas inclinações revolucionárias.

– Ora, Beatrice, querida, quero lá saber! – replicou Lottie. – Mesmo que algum deste doutos cavalheiros ouça o que eu estou a dizer, nenhum deles tem imaginação que chegue para se dar conta de que talvez tenhamos uma ideia ou duas nas nossas lindas cabecinhas, sobretudo se as ditas ideias não estiverem em consonância com as deles.

– Nem mesmo Mister Graham?

Ambas se voltaram para admirar um homem novo e atraente, de peruca branca como a neve, que estava a um canto da sala de estar. De faces rosadas e olhos brilhantes, forte e de costas bem direitas, regalava os homens que o rodeavam com uma história qualquer.

– Muito menos o Nate – retorquiu Lottie, fitando o marido de sobrolho franzido.

Beatrice inclinou a cabeça para a amiga.

– Mas eu julgava que estavas a fazer progressos quanto a trazê-lo para o nosso lado...

– Pois enganei-me – replicou Lottie com ligeireza. – Aonde os outros conservadores forem, o Nate irá também, concorde ou não com os seus pontos de vista. É tão previsível como um chapim quando há vento. Não, lamento muito, mais ele vai mesmo votar contra a proposta de lei de Mister Wheaton para ser concedida uma pensão aos soldados que serviram no exército de Sua Majestade.

Beatrice mordeu o lábio. O tom de Lottie era quase frívolo, mas ela sabia que a amiga estava desapontada.

– Lamento.

Lottie encolheu um ombro.

– É esquisito, mas dou por mim mais desapontada por ter um marido que deixa que lhe deem a volta com tanta facilidade do que ficaria por ter um que tivesse ideias diametralmente opostas às minhas, mas que as defendesse com paixão. Não achas que é muito quixotesco da minha parte?

– Não, apenas revela que tu, sim, tens convicções. – Beatrice deu o braço a Lottie. – Além do mais, eu não desistia já de Mister Graham. Bem sabes que ele te ama.

– Oh, eu sei. – Lottie examinou uma bandeja de bolinhos cor-de-rosa na mesa mais próxima. – É isso o que torna toda a questão tão trágica. – Enfiou um bolinho inteiro na boca. – *Mmm!* São muito melhores do que parecem.

– Lottie! – protestou Beatrice, meio a rir.

– Bem, é verdade. São uns bolinhos tão sóbrios, tão típicos dos conservadores, que julguei que iam saber a pó, mas têm um encantador toque de rosas. – Agarrou noutro e engoliu-o. – Já notaste que a peruca de Lorde Blanchard está de esguelha, não notaste?

– Sim. – Beatrice suspirou. – Preparava-me para a ir ajeitar, mas tu estavas de emboscada.

– *Mmm...* Nesse caso, parece-me que vais ter de enfrentar ali o peixe velho...

Beatrice viu que o duque de Lister se juntara ao seu tio e a Lorde Hasselthorpe.

– Que maravilha... Mas tenho mesmo de ir ajeitar a peruca do pobre tio Reggie.

– És uma alma corajosa – declarou Lottie. – Eu fico aqui, de vigia aos bolos.

– Cobarde – murmurou Beatrice.

Com um sorriso nos lábios, recomeçou a encaminhar-se para o grupinho do tio. Claro que Lottie tinha toda a razão. Os cavalheiros reunidos ali na sala de estar do tio eram as figuras

de proa do partido dos *tories*, os conservadores. A maioria tinha assento na Câmara dos Lordes, mas também ali estavam uns quantos plebeus – Nathan Graham, por exemplo. Todos eles teriam ficado escandalizados caso descobrissem que ela tinha sequer opiniões políticas – que, ainda para mais, eram contrárias às do tio. Em geral, Beatrice guardava tais ideias para si, mas a questão de uma pensão justa para os soldados veteranos era um assunto demasiado importante para ser negligenciado. Beatrice vira, em primeira mão, o que as mazelas de guerra podiam fazer a um homem e como podiam continuar a afetá-lo por anos e anos depois de ele já ter deixado o exército de Sua Majestade. Não, muito simplesmente, era...

A porta da Sala Azul abriu-se com uma força selvática, batendo contra a parede. Todas as cabeças se voltaram para o homem de pé ali à entrada. Era alto e tinha uns ombros impossivelmente largos, que enchiam todo o vão da porta. Vestia uma espécie de perneiras de pele de tom indefinido e uma camisa com um casaco azul vivo por cima. Os seus longos cabelos pretos caíam-lhe revoltos pelas costas e uma barba a precisar de ser aparada quase lhe escondia por completo as faces magras. De uma orelha pendia-lhe uma cruz de ferro e num cordão à cintura trazia uma enorme faca sem bainha.

O seu era o olhar de um homem morto há já muito tempo.  
– Quem raio é... – começou o tio Reggie a perguntar.

Mas, falando numa voz grave e algo perra, o homem interrompeu-o.

– *Où est mon père?*

Olhava diretamente para Beatrice, como se não existisse mais ninguém na sala de estar. Ela ficou pregada ao chão, confusa e como que hipnotizada, com uma mão a segurar a mesa oval. Não podia ser...

Arrogante e impaciente, ele avançou para ela num passo firme.

– *J'insiste sur le fait de voir mon père!*

– Eu... não sei onde está o seu pai – balbuciou ela. Os passos compridos dele iam tragando o espaço entre os dois. Já estava quase em cima dela. Ninguém levantara um dedo e todo o francês que Beatrice aprendera na sala de aula tinha-se-lhe varrido da cabeça. – Por favor, eu não sei...

Mas ele já estava ali, as suas mãos grandes e ásperas a erguerem-se para ela. Beatrice encolheu-se; foi mais forte do que ela. Era como se o diabo em pessoa tivesse vindo buscá-la – ali, à sua própria casa e, de todas as ocasiões possíveis, durante um enfadonho lanche.

Mas, então, ele cambaleou. Uma mão tisonada do sol agarrou a mesa, como se ele quisesse recuperar o equilíbrio, mas aquela mesinha não podia com ele; arrastando-a consigo, o recém-chegado foi-se abaixo nos joelhos. A jarra com flores caiu ao chão ao lado dele e estilhaçou-se numa confusão de pétalas e cacos encharcados em água. O olhar enfurecido do recém-chegado continuou fixado no de Beatrice quando ele caiu de joelhos no tapete. Mas, então, os seus olhos pretos reviraram-se nas órbitas e ele tombou para diante.

Alguém gritou.

– Deus Santíssimo! Beatrice, querida, estás bem?! Onde diabo se foi enfiar o meu mordomo?!

Embora ouvisse o tio Reggie nas suas costas, Beatrice já estava a ajoelhar-se junto do homem caído no chão, sem ligar à água derramada. De forma hesitante, tocou-lhe nos lábios, sentindo-lhe a respiração ténue. Portanto, continuava vivo. Graças a Deus! Segurando a pesada cabeça dele nas mãos, pousou-a no colo para poder ver-lhe bem o rosto.

Faltou-lhe o ar.

O homem fora *tatuado*. Três aves de rapina estilizadas voavam-lhe sobre o olho direito, ferozes e livres. Os seus autoritários olhos pretos estavam fechados, mas as sobrancelhas eram grossas e estavam ligeiramente franzidas, como se, mesmo inconsciente, ele desaprovasse o comportamento dela. Tinha a

barba mal cuidada e com cinco centímetros de comprimento, pelo menos, mas Beatrice conseguiu vislumbrar-lhe, por baixo, a boca incongruente elegante. Os lábios eram firmes e o de cima tinha uma curva ampla e sensual.

– M’*n*ha querida, por favor, afasta-te desse... dessa *coisa* – pediu o tio Reggie. Pousou a mão no braço dela para a incitar a erguer-se. – Se não saíres daí, os lacaios não vão poder levá-lo para a rua.

– Não o podem levar – replicou Beatrice, ainda de olhos fixados naquele rosto impossível.

– Minha adorada rapariga...

Ela ergueu o olhar. O tio Reggie era um querido, mesmo quando estava roxo de impaciência. Era bem possível que esta situação o matasse. E ela? O que significava isto para ela?

– Trata-se do visconde Hope.

O tio Reggie pestanejou.

– Quem?!

– O visconde Hope.

Ambos voltaram o olhar para o quadro que estava pendurado junto à porta – o retrato de um homem novo e atraente, o antigo herdeiro do condado. O homem cuja morte possibilitara ao tio Reggie tornar-se no conde Blanchard.

Do retrato, fitavam-nos uns olhos pretos e imperturbáveis.

Beatrice tornou a olhar para a versão de carne e osso. Tinha os olhos fechados, mas ela lembrava-se bem deles; pretos, irados e faiscantes eram idênticos aos do retrato.

Sentiu o coração suspenso de assombro.

Reynaud St. Aubyn, o visconde Hope, o verdadeiro conde Blanchard, estava vivo.

RICHARD MADDOCK, LORDE Hasselthorpe, observou enquanto os criados do conde Blanchard erguiam o lunático desmaiado de onde ele se estatelara no chão da sala de estar. Era um mistério

como aquele homem conseguira passar pelo mordomo e pelos criados no corredor. O conde devia ter mais cuidado com a segurança dos seus convidados; Deus do céu, ali na sala estava a elite do partido conservador.

– Idiota de um raio... – rosnou o duque de Lister ao seu lado, dando voz ao que ele pensara. – Se a casa não estava em segurança, o Blanchard devia ter contratado mais guardas.

Com um resmungo, Hasselthorpe beberricou o seu abominável vinho aguado. Os criados já estavam quase a chegar à porta e a tarefa estava obviamente a custar-lhes, tal era o peso daquele selvagem maluco. O conde e a sobrinha iam atrás deles, a falarem baixinho entre si. Blanchard olhou-o de fugida e Hasselthorpe arqueou desaprovadamente uma sobrancelha. O conde apressou-se a desviar o olhar. Blanchard poderia estar acima dele em categoria, mas Hasselthorpe era capaz de exercer mais influência política – algo de que tentava não abusar. Juntamente com o duque de Lister, Blanchard era o seu maior aliado no Parlamento. Hasselthorpe andava de olho no cargo de primeiro-ministro e, com o apoio de Lister e de Blanchard, esperava consegui-lo já no ano seguinte.

Se tudo corresse conforme os seus planos.

A pequena procissão deixou a sala de estar e, de sobrolho ligeiramente franzido, Hasselthorpe tornou a voltar o olhar para os convidados. Aqueles mais próximos do lugar onde o homem caíra tinham formado grupinhos e agora cochichavam excitadamente. Já começara; via-se nitidamente a novidade a propagar-se como uma onda. De cada vez que alcançava um novo grupinho de cavalheiros, sobrolhos erguiam-se disparados e cabeças de peruca posta juntavam-se.

O jovem Nathan Graham estava num grupo ali próximo, entretido com os mexericos. Acabado de eleger para a Câmara dos Comuns, Graham era um homem ambicioso e com a riqueza necessária para apoiar as suas aspirações e poderia vir a dar um grande orador. Era um jovem a seguir atentamente e, porventura, a moldar para uso posterior.

Graham afastou-se do grupo e encaminhou-se para o canto da sala onde estavam Hasselthorpe e Lister.

– Estão a dizer que aquele era o visconde Hope.

Hasselthorpe pestanejou, confuso.

– Quem?!

– Aquele homem! – Graham indicou o sítio exato onde uma criada agora apanhava os cacos da jarra.

Com o choque, Hasselthorpe viu-se momentaneamente incapaz de pensar.

– Impossível – rosou Lister. – Já faz sete anos que Hope morreu.

– Porque haveria toda a gente de pensar que é ele? – perguntou Hasselthorpe em voz baixa.

Graham encolheu os ombros.

– Há semelhanças físicas, caro senhor. Eu próprio estava suficientemente perto para lhe ver bem a cara quando ele entrou desabrido aqui na sala. Os olhos eram... Bem, só me ocorre a palavra «extraordinários».

– Extraordinário ou não, dificilmente um par de olhos é prova suficiente para se ressuscitar um morto – declarou Lister.

Aquela autoridade categórica saía-lhe naturalmente. Lister era um homem imponente, alto, com um princípio de barriga saliente e com inegável presença. Tratava-se também de um dos indivíduos mais poderosos de Inglaterra. Era, portanto, natural que, quando ele falava, os homens tivessem o cuidado de lhe prestar atenção.

– Sim, Vossa Graça. – Graham fez uma curta vénia ao duque. – Mas ele estava a perguntar pelo pai.

Não foi preciso acrescentar: *E estamos na residência londrina do conde Blanchard.*

– Ridículo. – Lister hesitou, mas depois, num tom mais baixo, acrescentou: – Se aquele for Hope, então o Blanchard acaba de perder o título.

Lançou a Hasselthorpe um olhar expressivo. Se perdesse o título, Blanchard ficaria sem assento na Câmara dos Lordes e eles perderiam um aliado crucial.

Franzindo o sobrolho, Hasselthorpe voltou-se para o retrato em tamanho real pendurado junto à porta. Quando posara, Hope era ainda muito novo, talvez com não mais de vinte anos. O quadro mostrava um jovem sorridente, as faces brancas e rosadas sem uma única imperfeição, os olhos pretos alegres e límpidos. Se o louco que ali estivera era Hope, então a transformação sofrida fora de proporções monumentais.

Hasselthorpe voltou-se novamente para os outros e sorriu de forma sinistra.

– O Blanchard não pode ver-se preterido por um lunático. E, em todo o caso, ninguém provou que se trata de Hope. Não há motivo para alarme.

Bebeu um golinho de vinho, mostrando-se calmo e composto, embora intimamente admitisse como terminava, de facto, a sua frase.

Não havia motivos para alarme... para já.

TINHAM SIDO PRECISOS quatro criados para erguer do chão o visconde Hope e, mesmo assim, agora cambaleavam sob o peso dele. Receando que o deixassem cair, Beatrice não tirava os olhos deles enquanto os seguia juntamente com o tio. Persuadira o tio Reggie a instalar aquele homem inconsciente num dos quartos desocupados, embora ele não se tivesse mostrado minimamente agradado com a ideia; de início, até quisera que o fossem deixar na rua. Mas Beatrice mostrara-se mais prudente, não só por uma questão de caridade cristã, mas também motivada por uma preocupaçãozinha «ligeira»: se aquele fosse Lorde Hope, atirá-lo para o meio da rua não os beneficiaria em nada.

Meio aos tombos, os criados entraram no corredor com o seu fardo às costas. Hope estava mais magro do que surgia no

retrato, mas, ainda assim, era um homem muito alto – mais de um metro e oitenta, parecia a Beatrice. Estremeceu. Felizmente que ele não recuperara a consciência depois daquele olhar tão feroz que lhe lançara – caso contrário, duvidava que tivessem conseguido levá-lo da sala de estar.

– O visconde Hope morreu – resmungou o tio Reggie, acompanhando-a num passo rápido e certo. Mas, pelo seu tom, dir-se-ia que nem ele próprio acreditava no que ia dizendo. – Há sete anos que está morto!

– Por favor, tio, não se enerve – pediu Beatrice ansiosamente. O tio Reggie detestava que lho recordassem, mas apenas no mês passado sofrera uma apoplexia, o que a deixara absolutamente aterrorizada. – Lembre-se do que o médico lhe disse.

– Ora, uma abóbora! Estou são que nem um pero, diga esse charlatão o que disser – replicou, resoluto, o tio Reggie. – Sei que tens um coração brando, m'nha querida, mas este não pode ser Hope. Três homens juraram tê-lo visto morrer assassinado por aqueles selvagens lá nas Colónias Americanas. Um deles foi o visconde Vale, que era amigo dele desde pequeno!

– Bem, é óbvio que se enganaram – murmurou Beatrice. De sobrolho franzido, observou os criados, que, arquejantes, começaram a subir as amplas escadas de carvalho negro que tinham pela frente. Os quartos ficavam todos no terceiro piso da moradia. – Cuidado com a cabeça dele!

– Sim, menina – respondeu George, o mais velho deles.

– Se aquele é Hope, então pirou de todo – bufou o tio Reggie quando entraram no corredor do terceiro piso. – Pôr-se com divagações em francês, imagine-se! A respeito do pai! E eu sei, com toda a certeza, que o último conde morreu há cinco anos. Pois se eu próprio estive no funeral! Ou queres convencer-me de que o velho conde também continua vivo?

– Não, tio – respondeu Beatrice. – Mas não acredito que o visconde saiba que o seu pai está morto.

O coração doeu-lhe por aquele homem inconsciente. Onde teria Lorde Hope passado todos aqueles anos? Como acabara com aquelas estranhas tatuagens na cara? E porque não sabia ele que o pai estava morto? Deus do céu, talvez o tio tivesse razão; talvez o visconde tivesse mesmo perdido o juízo.

O tio Reggie deu voz aos horríveis pensamentos dela:

– O tipo é doido varrido, disso não há dúvida. Estava delirante. Atacou-te. Aliás, não seria melhor ires deitar-te, m' nha querida? Posso mandar comprar uns quantos docinhos de limão daqueles de que tu gostas, não importa o preço.

– É muita bondade da sua parte, tio, mas ele não se aproximou o suficiente para me tocar – murmurou Beatrice.

– Não foi à falta de tentar!

Sob o olhar desaprovador do tio Reggie, os criados levaram o visconde para o Quarto Escarlata, o segundo melhor quarto de hóspedes. Beatrice sentiu uma pontada de dúvida; se aquele era mesmo o visconde Hope, então decerto merecia o melhor quarto de hóspedes, não? Mas talvez fosse escusado pensar nisso; se ele era Lorde Hope, então onde devia mesmo ficar no quarto do conde, no qual dormia o tio Reggie, claro. Beatrice abanou a cabeça. Tudo aquilo era demasiado complicado para se pôr por palavras; independentemente do resto, por agora o Quarto Escarlata teria de servir.

– O tipo devia estar num manicómio – ia dizendo o tio Reggie. – Quando acordar, ainda nos há de matar a todos enquanto estivermos a dormir. Isto *se* acordar.

– Duvido que ele faça semelhante coisa – replicou Beatrice numa voz firme, ignorando tanto o tom esperançoso do seu tio ao dizer aquelas últimas palavras como a sua própria inquietação. – De certeza que é só o efeito da febre. Quando lhe toquei na cara, ele estava a arder.

– Suponho que lá vou ter de chamar um médico... – O tio Reggie lançou um olhar carrancudo a Lorde Hope. – E também terei de ser eu a arcar com a despesa...

– Seria a atitude mais cristã – murmurou Beatrice. Sob o seu olhar ansioso, os criados deitaram Hope na cama. Desde o desmaio que não tornara a mover-se nem a emitir um som. Estaria a morrer?

– E ainda vou ter de arranjar maneira de explicar isto aos meus convidados – resmungou o tio Reggie. – De certeza que já se puseram todos a cochichar. Acredita no que te digo: vamos ser motivo de conversa por toda a cidade.

– Sim, tio – replicou ela num tom tranquilizador. – Eu posso ficar de olho nas coisas por aqui, se quiser ir falar com os nossos convidados.

– Não te demores muito e não te chegues muito ao pé aí do malandro; só Deus sabe o que ele fará se acordar... – Lançando um olhar furioso ao homem inconsciente, o tio Reggie deixou o quarto com passos pesados.

– Não o farei. – Beatrice voltou-se para os criados, ali parados a aguardar ordens. – George, por favor, certifique-se de que é mesmo chamado um médico, no caso de o conde se distrair com outras coisas e de se esquecer. – *Ou de pensar melhor em quanto lhe vai custar*, acrescentou mentalmente.

– Sim, menina. – O criado encaminhou-se para a porta.

– Oh, e peça a Mistress Callahan para subir, está bem, George? – Beatrice franziu a testa ao observar aquele homem pálido e barbudo deitado na cama. Começara a remexer-se, como se estivesse prestes a acordar. – Mistress Callahan parece saber sempre o que fazer.

– Sim, menina. – George deixou o quarto à pressa.

Beatrice voltou-se para os restantes três criados.

– Um de vocês tem de ir dizer à cozinheira para aquecer água, brande e...

Mas, nesse momento, os olhos negros de Hope abriram-se sem aviso. Foi um movimento tão repentino e o seu olhar era tão intenso que, guinchando como uma pateta, Beatrice recuou de um salto. Recompondo-se de imediato e algo embaraçada com

a sua atitude de juvenzinha parva, avançou, apressada, quando Lorde Hope começou a erguer-se.

– Não, não, meu senhor! Tem de continuar deitado. Está enfermo. – Segurando-lhe o ombro de modo delicado mas firme, fê-lo tornar a deitar-se.

E, de repente, viu-se apanhada no meio de um turbilhão. Agarrando-a com violência, Lorde Hope puxou-a para a cama e pôs-se em cima dela. Embora estivesse magro, para Beatrice foi como se um saco cheio de tijolos lhe tivesse caído em cima do peito. Mal podendo respirar, fixou-se nuns olhos pretos que a fitavam a poucos centímetros, brilhantes e malévolos. Lorde Hope estava tão próximo dela que Beatrice conseguia contar-lhe, uma a uma, as pestanas sujas de fuligem.

Tão perto que ela sentiu no flanco a dolorosa pressão daquela horrível face.

Tentou empurrar-lhe o peito – não conseguia respirar! –, mas ele agarrou-lhe na mão, esmagando-a na sua enquanto rosnava:

– *J'insiste sur le fait...*

Não chegou a terminar; Henry, um dos criados, deu-lhe na cabeça com um aquecedor de cama. Lorde Hope tombou pesadamente; a sua cabeça pesada ficou sobre um dos seios de Beatrice. Por um momento, ela temeu sufocar realmente. Depois, Henry tirou Lorde Hope de cima dela. Respirando fundo, Beatrice ergueu-se, sentindo as pernas bambas, e depois voltou-se para observar o seu paciente, estendido na cama e inconsciente. A sua cabeça era agora um peso morto; os seus penetrantes olhos pretos estavam fechados. Teria ele sido mesmo capaz de a magoar? Parecera tão malévolos... *Demente*, na verdade. Deus Santíssimo, o que lhe teria acontecido? Massajando a mão magoada, Beatrice engoliu em seco, fazendo por recuperar a compostura.

Ao regressar, George ficou chocado ao ouvir, da boca de Henry, o que se passara.

– Ainda assim, não lhe devia ter batido com tanta força...  
– repreendeu-o Beatrice.

– O tipo estava a magoá-la, menina... – teimou Henry.

Beatrice passou uma mão trémula pelos cabelos, verificando se ficara despenteada.

– Sim, bom, as coisas não chegaram a esse ponto, embora admita que me assustei por um momento. Obrigada, Henry, e desculpe; ainda não estou bem em mim. – Mordiscando o lábio, tornou a observar Lorde Hope. – George, acho que seria boa ideia deixarmos alguém de guarda à porta do visconde. Atenção: é para ficar de vigia dia e noite.

– Sim, menina – replicou George num tom firme.

– É tanto para o bem dele como para o nosso – murmurou Beatrice. – Tenho a certeza de que ele ficará bem logo que recupere desta enfermidade.

Os criados trocaram olhares duvidosos.

– Preferia que Lorde Blanchard não tomasse conhecimento deste incidente – acrescentou ela, usando um tom vigoroso para disfarçar a preocupação.

– Sim, minha senhora – respondeu George por todos eles, embora se mostrasse ainda cético.

Chegando nesse instante, Mrs. Callahan entrou no quarto num passo apressado.

– Que alvoroço vem a ser este, menina? O Hurley disse que um cavalheiro qualquer desfaleceu.

– Mister Hurley tem toda a razão. – Beatrice indicou o homem estendido na cama. Então, voltou-se avidamente para a governanta, como se lhe tivesse ocorrido uma ideia. – Reconhece-o?

– A esse?! – Mistress Callahan torceu o nariz. – Não me parece, menina. É um cavalheiro muito cabeludo, não é?

– Diz que é o visconde Hope – declarou Henry, todo satisfeito.

– Quem...? – perguntou Mrs. Callahan, olhando-o, espedaçada.

– O gajo do quadro – esclareceu Henry. – Queira perdoar, menina.

– Não se preocupe, Henry – replicou Beatrice. – Conheceu Lorde Hope antes de o velho conde falecer?

– Não, menina, lamento – respondeu Mrs. Callahan. – Se bem se lembra, só entrei ao serviço aqui quando o seu tio se tornou conde.

– Ah, pois foi... – disse Beatrice, desapontada.

– Aconteceu o mesmo com praticamente toda a criadagem – continuou Mrs. Callahan. – E aqueles que já cá estavam... Bom, já faz muito que abalaram. Afinal de contas, já passaram cinco anos desde que o velho conde se foi.

– Sim, eu sei, mas ainda estava com esperanças. – Como poderiam confirmar quem aquele homem era sem que o viesse identificar alguém que tivesse conhecido pessoalmente Hope? Beatrice abanou a cabeça. – Bom, seja como for, de momento não interessa. Seja ele quem for, é nosso dever cuidar deste homem.

Tratou de organizar os criados, dando a cada um a sua tarefa. Quando, mais tarde, acabou de falar com o médico – afinal, o tio Reggie não se esquecera de o mandar chamar –, orientando depois a cozinheira na preparação de uma papa de aveia muito rala e elaborando um plano de dieta adequado à recuperação do paciente, já o lanche-comício terminara há muito. Deixando Lorde Hope – se é que era mesmo essa a sua identidade – sob o olhar vigilante de Henry, Beatrice desceu as escadas meio zozna e foi até à Sala Azul.

Já tudo fora levado dali; a mancha ainda húmida no tapete era a única prova dos dramáticos acontecimentos de há poucas horas. Beatrice ficou a observar aquela mancha por um momento; depois, ao voltar-se, deparou inevitavelmente com o retrato do visconde Hope.

Parecia tão jovem, tão despreocupado! Avançou um passo, puxada, como sempre, por uma qualquer força de atração à qual era incapaz de resistir. Tinha dezanove anos quando pela

primeira vez vira aquele retrato. Na noite em que chegara à Casa Blanchard com o tio, o novo conde Blanchard, era já muito tarde. Fora-lhe mostrado o seu quarto mas a excitação de se ver numa nova casa, a longa viagem de carruagem e a própria cidade de Londres tinham-na deixado incapaz de dormir. Ficara deitada na cama de olhos abertos durante meia hora ou mais, até que pusera um agasalho pelas costas e descera as escadas sem fazer ruído.

Lembrava-se de ter ido espreitar à biblioteca, de ter examinado o gabinete e de ter percorrido furtivamente os corredores, até que, de alguma maneira, inevitavelmente – como se por vontade do destino – acabara por vir dar ali. Ali onde agora estava, a apenas um passo do retrato do visconde Hope. Nessa noite, tal como agora, o que primeiro lhe chamara a atenção fora o olhar risonho dele; tinha os olhos ligeiramente franzidos, cheios de malandrice e de um humor malicioso. Depois reparara na boca, ampla e com aquela curvatura leve e sensual do lábio superior. Os cabelos negros como breu tinham sido penteados para trás, evidenciando-lhe a testa larga. Estava encostado a uma árvore, descontraído, com uma caçadeira casualmente equilibrada na curva do braço e com dois *spaniel* aos pés, fitando-o com adoração e de língua a pender-lhes da boca.

E quem poderia criticar os cães por isso? Provavelmente, ela ficara com a mesma expressão ao vê-lo pela primeira vez. Talvez a tivesse naquele momento. Passara incontáveis noites a contemplar o retrato tal como agora estava a fazer, sonhando com um homem que seria capaz de lhe ver o íntimo e de a amar tão-só por quem ela era. Na noite do seu vigésimo aniversário, descera ali em bicos de pés, sentindo-se excitada e à beira de algo de maravilhoso. Da primeira vez que fora beijada, descera até ali para meditar no que estava a sentir. Era engraçado; já nem se lembrava bem da cara do rapaz cujos lábios tão desajeitadamente se haviam unido aos seus. E quando Jeremy regressara, destruído pela guerra, fora também para ali que ela viera.

Procurando uma última vez aqueles maliciosos olhos de ébano, Beatrice voltou costas ao retrato. Durante cinco longos anos, entregara-se a devaneios diante de um homem numa pintura, alguém que existia apenas em sonhos, uma fantasia. E agora tinha a versão de carne e osso apenas dois pisos por cima dela.

A questão era esta: por baixo daqueles cabelos e daquela barba, sob a sujidade e sob a loucura, seria ele o mesmo homem que, há tantos anos, posara para aquele retrato?